

## OS GEÓGRAFOS E A PAISAGEM

José Bueno Conti (\*)

A paisagem, cujo conceito é apresentado de tantas formas, por inúmeros setores do conhecimento e variadas formas de pensar, é particularmente importante para o geógrafo, expressando uma idéia de síntese muito mais completa que a de região, espaço, território e lugar, categorias, também analisadas amplamente pelos estudiosos da ciência de Vidal de La Blache.

Desde Humboldt (1769-1859), que foi um estudioso da natureza em seu sentido mais genuíno, o tema está presente nas reflexões dos geógrafos. Com sua visão holística, enfatizando a vegetação como elemento mais significativo da paisagem, preparou a introdução do conceito de *landschaft*, muito praticado pela geografia alemã dos séculos XIX e XX. Inúmeros outros poderiam ser lembrados.

Camille Vallaux, na segunda década do século XX, afirmou: *“a descrição lógica do cenário geográfico, dirige-se, não do centro à periferia, mas da periferia para o centro, de maneira que a paisagem considerada pela Geografia é uma paisagem de enquadramento. A paisagem geográfica, contudo não é apenas de enquadramento (isto é estática); é também, ou deve ser, uma paisagem cinemática (isto é, dinâmica)”*. (VALLAUX, 1929, traduzido).

Pierre George, em seu livro *Sociologie et Géographie*, deixa transparecer seu conceito de paisagem quando afirma: *“Toda coletividade humana projeta-se sobre uma porção do espaço terrestre, a qual, sob diferentes formas, serve de suporte a suas atividades. Esta parcela do espaço comporta, de fato, uma estratificação de vários espaços, qualificados segundo a natureza de suas relações com as atividades e formas de existência dos grupos considerados”* (GEORGE, 1966: 23, traduzido).

Em 1968, o estudioso de Toulouse, George Bertrand propôs um conceito bastante completo de paisagem: *“É o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, em uma determinada porção do espaço, de elementos físicos, biológicos e antrópicos, os quais, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazem dela um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução”*. Segundo esse mesmo autor, a paisagem se expressaria pelo modelo teórico do *geossistema*, formado por três componentes: *potencial ecológico, exploração biológica e ação antrópica*. (BERTRAND, 1968).

No ano seguinte, Gabriel de Rougerie, da Universidade de Paris, em seu trabalho *Géographie des Paysages* afirma que nossa ciência é o estudo das paisagens, para cuja compreensão seria indispensável decifrar todas as relações casuais, assim como as interações do complexo vivo que as constitui. (ROUGERIE, 1969).

Em 1972, Marcel Delpoux, da Universidade de Toulouse, daria um tratamento metodológico específico ao estudo da paisagem, assinalando que a mesma seria uma entidade biofísica complexa, formada por dois constituintes fundamentais: *suporte*, ou seja, as características geológicas no sentido lato (orogênese, estratigrafia e litologia) e *cobertura*, que seriam os *parâmetro climáticos, biogeográficos e antrópicos* (DELPOUX, 1972).

### A GEOGRAFIA BRASILEIRA E A PAISAGEM

A Universidade de São Paulo, fundada em 1934, alçou a Geografia ao patamar do ensino superior, no Brasil, ao lado da História, com a qual constituía, naquele momento, do ponto de vista acadêmico, uma só licenciatura, seguindo a orientação metodológica tradição francesa que lhe servira de matriz.

Entre os grandes mestres que lançaram as bases da geografia brasileira, logo se destacou o nome de Pierre Deffontaines que, embora tenha permanecido menos de um ano em atividades entre nós, deixou vários trabalhos, entre os quais *Regiões e paisagens do Estado de São Paulo*, numa primeira tentativa de científica de divisão regional de nosso Estado, por meio da identificação de unidades de paisagens (DEFFONTAINES, 1935).

---

(\*) Universidade de São Paulo – Brasil

O Prof. Pierre Monbeig, que o sucedeu, permaneceria por 11 anos no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (1935-1946). Este mestre francês soube interpretar a geografia brasileira com admirável competência, como ficou demonstrado em sua brilhante obra, ainda hoje fonte de consulta e de proveito teórico, especialmente na tese de doutorado defendida na Universidade de Paris e publicada em 1952: *Pionniers et planteurs de São Paulo*. Essa pesquisa celebrizou-se, entre outros motivos, por se o estudo de uma sociedade em movimento e do relacionamento desse dinamismo com o quadro físico sobre o qual se desenrolava, inovando, dessa forma, o próprio conceito de espaço geográfico e, por conseguinte, de *paisagem*. (MONBEIG, 1952).

Vários anos antes, em 1939, em conferência pronunciada na Universidade de São Paulo intitulada *Paisagem*, espelho de uma civilização, afirmou: "*A Geografia não pode contentar-se em descrever a paisagem concreta; procura compreender e reconstituir o mecanismo que conduz à sua formação e sua evolução*". (MONBEIG, 1957, apud SALGUEIRO. 2000: 163).

O mesmo autor voltaria ao tema em seu artigo *Notas relativas à evolução das paisagens rurais no Estado de São Paulo*, no qual historia a evolução da paisagem rural paulista desde o período colonial, relacionando-a com a sucessão de ciclos econômicos e a interação com a diversidade de quadros naturais (MONBEIG, 1944).

Em 1946, a Prof<sup>a</sup> Nice Lecoq Muller apresentaria tese de doutorado, feita sob orientação de Monbeig, intitulada *Sítios e Sítiantes do Estado de São Paulo* onde também está presente a questão da paisagem. No capítulo IX de seu trabalho, a autora faz uma comparação entre as diferentes paisagens criadas pelo sítiante: "*Na frente de colonização a paisagem se apresenta como uma combinação de matas, derrubadas, queimadas recentes... À medida que se regride para a retaguarda, a paisagem é menos natural e mais cultural... Finalmente, na retaguarda, chega-se a paisagens bem humanizadas, com ocupação do solo perfeitamente demarcada*". Ao longo do capítulo, analisa o dinamismo desses diferentes tipos de paisagem, conforme vai se processando a transformação do espaço (MULLER, 1951).

Dois anos depois, em 1948, a comunidade geográfica brasileira é enriquecida com a tese de doutorado do Prof. Renato Silveira Mendes, da Universidade de São Paulo *Paisagens Culturais da Baixada Fluminense*, orientada, inicialmente por Monbeig e, após a partida deste para a França, em 1946, por Pierre Gourou, trabalho que se tornaria antológico pela maneira inteligente como caracterizou e interpretou a diversidade paisagística das regiões litorânea e sublitorânea do Estado do Rio de Janeiro produto, ao mesmo tempo, das condições de tropicalidade, das características da cultura, da economia e das relações de produção dominantes naquele momento. A originalidade do trabalho está na forma cuidadosa com que analisa a elaboração das paisagens a partir das características do meio físico e sua evolução ao longo da história, demonstrando como a geografia, enquanto ciência que estuda o espaço transformado, é sempre produto do processo interativo entre sociedade e natureza. Ilustrada a pesquisa com 93 fotos, documentação excepcionalmente rica para os padrões da época (MENDES, 1950).

As diretrizes apontadas por Monbeig produziram vários outros frutos, especialmente na geografia paulista.

Em 1950, a Prof<sup>a</sup> Ely Goulart Pereira de Araújo publicou o artigo *Alguns Aspectos da Paisagem Rural do Município de Olímpia* onde estuda a rápida transformação de uma paisagem pioneira de uma região econômica e demograficamente estagnada, em apenas duas décadas (ARAÚJO, 1950).

É interessante assinalar que, um exame da coleção do Boletim Paulista de Geografia, em seus primeiros cinco anos de circulação (1949-54) com 18 números publicados (note-se a frequência com que saía a Boletim na época!), tinha uma seção designada de FOTOGEOGRAFIA, que reproduzia fotos, acompanhadas de comentários. Os textos nada mais eram do que interpretações de paisagens, feitas segundo os princípios da melhor geografia. Basta conferir em AB'SÁBER (1950, 1952 e 1953), AZEVEDO (1950, 1951 e 1953), FRANÇA (1951), MULLER (1954) e PENTEADO (1950 e 1951), além de outros.

Todos esses trabalhos foram elaborados numa época em que a geografia brasileira apenas se iniciava, quase tudo estava por fazer e os recursos de pesquisa eram precários e escassos.

Em 1956, por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia do Rio de Janeiro, visitou o Brasil o Prof. Pierre Deffontaines, que aqui havia estado em 1934, durante o primeiro ano de funcionamento do curso de Geografia na USP. Participando de excursão promovida ao Centro-Oeste brasileiro brasileiro, o Prof. Deffontaines elaborou uma série de desenhos retratando paisagens do Pantanal e Chapada dos Guimarães, no antigo estado de Mato Grosso, as quais seriam publicadas, em primeira mão pelo Boletim Paulista de Geografia, acompanhadas de comentários de Aroldo de Azevedo (DEFFONTAINES e AZEVEDO, 1956). Nesse particular, Deffontaines seguiu o exemplo de Emmanuel De Martonne que, em sua obra *Traité de Géographie Physique* apresenta vários desenhos e esboços com o objetivo de interpretar as paisagens, destacando seus aspectos físicos (MARTONNE, 1925).

Entre nós, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro ofereceria importante contribuição iconográfica, com desenhos bem elaborados e geograficamente interpretados, de paisagens brasileiras. Entre seus trabalhos, nessa linha, citaria o trabalho Aspectos geográficos do Baixo São Francisco, apresentado à XVII Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, reunida em Penedo (AL) em 1962. Trata-se de relatório de pesquisa levada a efeito na região do rio São Francisco, compreendida entre Penedo e a foz, no Oceano Atlântico (cerca de 30 km) em que o autor apresenta dois blocos- e três esboços, onde figuram relevo, vegetação, hidrografia e ocupação do solo. São desenhos bem elaborados, além de 35 fotografias, que sintetizam os aspectos paisagísticos relevantes do trecho estudado (MONTEIRO, 1962).

No plano do acervo iconográfico, seria imprescindível citar, ainda, os trabalhos do desenhista Percy Lau que, iniciou, no nº 4 da Revista Brasileira de Geografia (1939), a série intitulada Tipos e Aspectos do Brasil, constituída de quadros, à bico de pena, retatando as paisagens brasileiras. As gravuras, acompanhadas de textos interpretativos elaborados por destacados geógrafos, tais como, Dora de Amarante Romariz, Lindalvo Bezerra dos Santos, Lúcio de Castro Soares, Elza Coelho de Souza Keller, José Veríssimo da Costa Pereira, Fábio de Macedo Soares Guimarães, Ney Strauch, além de outros, compõem um documento da associação íntima entre a *geografia* e a *paisagem*, no sentido lato, incluindo cultura, tradições e história (IBGE, 1956).

Em 1973 é publicada a tese de doutoramento do Prof. Adilson Avansi de Abreu Introdução ao Estudo das Paisagens do Médio Vale do Jaguari-Mirim, onde, pela primeira vez é analisado o papel fundamental da geomorfologia na organização paisagística regional (ABREU, 1973).

#### **A “FISIOLOGIA DA PAISAGEM” COMO DISCIPLINA CURRICULAR NA USP**

Introduzida, em 1968, no currículo de bacharelado do Geografia da então Faculdade da Filosofia, Ciências e Letras da USP, por inspiração do Prof. Aziz Nacib Ab’Sáber, a disciplina Fisiologia da Paisagem tinha como objetivo principal enfatizar a análise conjunta dos fatos geográficos, tomando a *paisagem* como unidade espacial de análise e sua integração no tempo e no espaço, sem descuidar dos processos genéticos de sua elaboração. Estimulava a análise de exemplos concretos. A idéia está sintetizada no artigo Um conceito de Geomorfologia a serviço de pesquisas sobre o Quaternário (AB’SÁBER, 1969) em que a fisiologia da paisagem é apresentada como uma modalidade de pesquisa “*em situações efetivamente dinâmicas*” (op. cit.: 5), cuidando de compreender a paisagem globalmente por meio do comportamento climático e dos “*processos morfoclimáticos e pedogenéticos atuais*” (op. cit.: 2).

Em 1988, essa disciplina seria substituída por Teoria Geográfica da Paisagem, porém os objetivos e o conteúdo não sofreram mudança expressiva. Ao contrário, foi reforçada a reflexão sobre a pertinência da paisagem como objeto de investigação geográfica e o papel da ação antrópica, nos processos de degradação ambiental e seu confronto com a dinâmica da natureza.

Contudo, a orientação dos geógrafos no sentido proposto pelas disciplinas acima indicadas é mais antiga e, precede, de vários anos, sua institucionalização sob forma de disciplinas curriculares. Estas apenas consagraram uma prática consolidada e demonstrada por estudos que encaravam a paisagem no seu significado global e ativo.

Um dos trabalhos mais conhecidos, nessa linha é o do Prof. Hilgard O’Reilly Sternberg Enchentes e Movimentos Coletivos do Solo no Vale do Paraíba em Dezembro de 1948. Influência da Exploração Destrutiva das Terras, o qual, pelo seu pioneirismo, em termos de conteúdo e de metodologia, converter-se-ia numa das obras antológicas da geografia física brasileira (STERNBERG, 1949). Tivemos oportunidade de analisá-lo em artigo nosso, aprovado para publicação na Revista do Departamento de Geografia da FFLCH da USP (CONTI, 2000, inédito).

Entre outros que também poderiam ser citados está a tese de doutorado da Profª Olga Cruz A Serra do Mar e o Litoral da Área de Caraguatatuba, abordando os catastróficos deslizamentos ocorridos na região de Caraguatatuba (SP), em março de 1967, produtos de uma excepcionalidade pluviométrica em região de equilíbrio precário, cuja fragilidade fôra acentuada pela ação antrópica predatória. Pela amplitude com que foi realizado, o trabalho tornou-se uma das referências para os estudiosos da geomorfologia das encostas úmidas tropicais, sendo mais um exemplo da orientação dos geógrafos na linha da fisiologia da paisagem (CRUZ, 1974).

O tratamento da paisagem como realidade integrada e dinâmica concorre para acentuar a unidade da Geografia e diluir as fronteiras entre o social e o natural, robustecendo a singularidade de uma disciplina que associa, de forma inteligente fatos heterogêneos e diacrônicos e, por isso mesmo, não se confunde com nenhuma outra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. A. de – *Estruturação de paisagens no médio vale do Jaguari-Mirim*. Col. Geomorfologia nos. 36, 37, 38 e 39. São Paulo. Instituto de Geografia da USP, 1973.
- AB'SÁBER, A. N. – *A Serra do Mar e a Mata Atlântica em São Paulo* (comentários de fotografias aéreas de Paulo C. Florençano). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 4 :61-69, 1950.
- AB'SÁBER, A. N. – *A Cidade do Salvador* (fotografias e comentários). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 11: 61-78, 1952.
- AB'SÁBER, A. N. – *Na região de Manaus* (fotografias e comentários). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 14: 55-66, 1953.
- AB'SÁBER, A. N. – *Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário*. Col. Geomorfologia nº 18. São Paulo. Instituto de Geografia da USP, 1969, 23 p.
- ARAÚJO, E. G. P. de – *Alguns aspectos da paisagem rural do município de Olímpia*. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 5: 12-22, 1950.
- AZEVEDO, A. de – *São Paulo, metrópole moderna* (comentário de fotografias aéreas de Paulo C. Florençano). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 5: 53-61, 1950.
- AZEVEDO, A. de – *Teresina, capital do Piauí* (fotografias e comentários). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 8: 59-67, 1951.
- AZEVEDO, A. de – *Cuiabá, capital de Mato Grosso* (fotografia e comentários). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros nº 15: 68-79, 1953.
- BERTRAND, G. – *Paysage et géographie physique globale. Esquisse méthodologique*. Revue Géographique des Pyrenées et du Sud-Ouest. Toulouse, 39 (3): 249-272, 1968.
- CONTI, J. B. – *Resgatando a "Fisiologia da Paisagem"*. Inédito.
- CRUZ, O. – *A Serra do Mar e o litoral na área de Caraguatuba*. São Paulo. Instituto de Geografia da USP, 1974, 181 p.
- DEFFONTAINES, P. e AZEVEDO A. de – *Paisagens de Mato Grosso* (desenhos e comentários). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros nº 24: 99-104, 1956.
- DELPOUX, M. – *Ecosystème et paysage*. Revue Géographique des Pyrenées et du Sud-Ouest. Toulouse, 43 (2): 157-174, 1972.
- FRANÇA, A. – *Paisagens do litoral norte de São Paulo* (comentários de fotografias aéreas de Paulo C. Florençano). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros nº 7: 64-74, 1951.
- GEORGE, P. – *Sociologie et Géographie*. Paris. Presses Universitaires de France, 1966, 215 p.
- IBGE – *Tipos e aspectos do Brasil*. Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1956 (6ª edição), 443 p.
- MARTONNE, E. de – *Traité de Géographie Physique*. Paris. Armand Colin, 1925, 3 vols.
- MONBEIG, P. – *Pionniers et planteurs de São Paulo*. Paris. Armand Colin, 1952, 376 p.
- MONBEIG, P. – *Notas relativas à evolução das paisagens rurais no Estado de São Paulo*. Boletim Geográfico. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ano II, nº 16,: 428-430, 1944.
- MENDES, R. da S. – *Paisagens culturais da Baixada Fluminense*. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras CX (Geografia nº 4). São Paulo, 1950, 171 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. – *Aspectos geográficos do baixo São Francisco*. Avulso nº 5. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros. 1962, 94 p.
- MULLER, N. L. – *Sítios e sítiantes do Estado de São Paulo*. Boletim Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nº 132 (Geografia nº 7). São Paulo, 1951. 216 p.
- MULLER, N. L. – *Em menos de um século, a cidade de São Paulo viu alterar-se profundamente sua fisionomia urbana* (fotografias comentadas). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiro nº 16: 75-85, 1954.
- PENTEADO, A. R. – *Paisagens do Tietê* (comentários de fotografias aéreas de Paulo C. Florençano). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros nº 6: 52-61, 1950.
- PENTEADO, A. R. – *Belém, metrópole da Amazônia* (fotografias e comentários). Boletim Paulista de Geografia. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros nº9; 65-74, 1951.
- ROUGERIE, G. de - *Géographie des paysages*. Paris. Armand Colin (col. "Que sais-je? nº 1362), 1969, 128 p.
- SALGUEIRO, H. A. - *Pierre Monbeig: a paisagem na óptica geográfica*. In Paisagem e Arte. Comitê Brasileiro de História da Arte/CNPq/FAPESP. Rio de Janeiro/São Paulo: 163-170, 2000.
- STERNBERG, H. - *Enchentes e movimentos coletivos do solo no vale do Paraíba em dezembro de 1948. Influência da exploração destrutiva das terras*. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ano XI (2): 223-261, 1949.
- VALLAUX, C. – *Les sciences géographiques*. Paris. Felix Alcan, 1929, 413 p.